

A grafia dos erros de segmentação não-convencional de palavras¹

Luciani Tenani

Cada palavrinha tem um truque
Uma portinha
Um esconderijo
Uma gaveta
Faz a gente escorregar
Uaaaaau!...
(ABUJAMRA, A.; PEREIRA, M, 1995)

Resumo

Neste trabalho, procura-se entender em que medida as segmentações não-convencionais de palavra também são resultados de decisões acerca da grafia das palavras. A resposta a essa questão é dada a partir da análise de segmentações não-convencionais de palavras que ocorreram em textos produzidos por alunos que, à época da produção, cursavam a quinta e sexta séries de uma escola pública do Estado de São Paulo. Defende-se que as segmentações não-convencionais fornecem evidências de como, no processo de aquisição da escrita, são elaboradas hipóteses acerca dos limites da palavra escrita, especificamente dos limites dos monossílabos átonos, quando em jogo possíveis escolhas sobre como segmentar o *continuum* fônico (eixo sintagmático) e possíveis escolhas sobre como representar o segmento por meio de uma letra do alfabeto (eixo paradigmático).

¹ Uma primeira versão deste texto foi apresentada como parte do Simpósio A relação oral/escrito no chamado processo de aquisição escrita, coordenado pela professora Dra. Cristiane Carneiro Capristano (UEM), durante o 57º Seminário do GEL, ocorrido na UNAERP, em Ribeirão Preto, 08 de junho de 2009.

Palavras-chave: segmentação, convenções ortográficas, palavra, oralidade, letramento.

The writing errors of unconventional word segmentation

Abstract

This work aims to understand in which way the unconventional written words segmentation can be also resulted of decisions concerning the writing of words. The replay to this question is given from the analysis of unconventional segmentation of words that occurred in texts produced by students which ones at the time of the production attended the fifth and sixth grade of a public school of São Paulo State. It is argued that unconventional segmentations give evidences of how – during written acquiring process - are elaborated hypotheses concerning the written words boundaries, specifically the unstressed monosyllabic words boundaries, when there are interplays between possibly choices on how to segment the phonic continuum (syntagmatic axis) and possibly choices on how to represent the segment by using a letter from alphabet (paradigmatic axis).

Keywords: segmentation, spelling conventions, word, orality, literacy.

Introdução

Neste artigo, tratamos das segmentações não-convencionais de palavras escritas e, mais especificamente, analisamos as escolhas convencionais e não-convencionais das letras do alfabeto latino em relação aos ‘pontos de corte’, isto é, aos pontos em que ocorrem os espaços em branco de modo não-convencional em relação à ortografia atualmente vigente para o Português no Brasil. A questão que formulamos é: em que medida os chamados erros de segmentação não-convencional também são resultados de decisões acerca da grafia das palavras? A resposta será dada a partir da análise de um *corpus* ainda pouco explorado na literatura sobre o tema: as grafias das segmentações não-convencionais que ocorrem em textos de alunos, que à época da coleta, cursavam a quinta e a sexta séries do Ensino Fundamental em uma escola publicado do Estado de São Paulo.

De modo mais amplo, as reflexões que apresentamos estão voltadas para a busca, por um lado, de possíveis explicações para como as práticas orais funcionam como um aspecto constitutivo da produção escrita dos sujeitos da pesquisa e, por outro, de possíveis explicações para como as práticas letradas, em contexto institucional, privilegiadamente funcionam como um aspecto constitutivo da produção escrita desses mesmos sujeitos. Nesse sentido, nossa proposta é, em última instância, refletir sobre a natureza da relação entre práticas sociais orais e práticas sociais letradas a partir de dados de aquisição de escrita e, assim, contribuir para o entendimento da relação falado/escrito como uma relação dialógica por excelência.²

A segmentação não-convencional de palavras escritas

A segmentação não-convencional de palavras diz respeito à presença ou à ausência ‘indevidas’, em relação às convenções ortográficas, do espaço em branco que define os limites da palavra escrita. Têm sido classificadas nos vários trabalhos de Abaurre (1998), Silva (1991), Chacon (2004, 2005, 2006), Cunha (2004), Capristano (2007a,b), Paula (2007), Cunha e Miranda (2007), por exemplo, em dois tipos: (i) hipossegmentação – quando há ausência não-convencional de espaço em branco, como em ‘com tinuou’ (‘continuou’), ‘em bora’ (‘embora’); e (ii) hipersegmentação – quando há presença não-convencional do espaço em branco, como em ‘ciescondeu’ (‘si escondeu’), ‘derrepente’ (‘de repente’).

A perspectiva de análise adotada neste trabalho não toma a segmentação não-convencional como uma categoria de erro ortográfico resultante de supostas interferências do oral no escrito, nem como evidências de um processo linear e progressivo de aquisição da escrita, na

² Este trabalho é fruto de reflexões desenvolvidas no âmbito do grupo de pesquisa *Estudos sobre a Linguagem* (GPEL/CNPq), coordenado pelo Dr. Lourenço Chacon (UNESP/Marília), e vinculadas à linha de pesquisa *Oralidade e Letramento* do Programa de Pós-Graduação em *Estudos Linguísticos* (UNESP/SJRP).

linha do que fazem, por exemplo, Zorzi (1998), Bacha e Maia (2001). Aproxima-se, este trabalho, da abordagem proposta por Abaurre, Fiad, Mayrink-Sabinson (1997), que tomam as produções escritas infantis como dados linguísticos complexos resultantes de hipóteses conflitantes que os escreventes elaboram a partir da relação que estabelecem com a língua(gem). Junto com Chacon (2004, 2005) e Capritano (2007a,b), assumimos, ainda, que essa complexidade dos dados de escrita infantil se dá em razão de os dados trazerem quer características da oralidade, quer características de um processo de letramento, evidenciando a multifacetada relação do sujeito com a língua(gem) falada e escrita.

Entre os estudos com os quais comungamos a mesma perspectiva de análise, o bojo das reflexões é alinhavado a partir de investigações sobre segmentações não-convencionais na escrita infantil, predominantemente as produções escritas nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental (cf. ABAURRE, 1998; SILVA, 1991; ABAURRE & SILVA, 1993; CHACON, 2004, 2005, 2006; CUNHA, 2004; CAPRISTANO, 2007a,b; 2004; De PAULA, 2007; CUNHA & MIRANDA, 2007).³ Esses estudos argumentam a favor da relevância dos dados de segmentação não-convencional não apenas para aquelas áreas de investigação que tratam da alfabetização e aquisição da escrita, mas também para, por exemplo, a fonologia. Entre os argumentos apresentados por esses trabalhos relacionados ao domínio da fonologia, destacam-se os de que dados de segmentação na escrita infantil:

- I. Podem ser vistos como indícios da organização prosódica da língua (pé métrico, palavra fonológica, grupo clítico);
- II. Indiciam hipóteses do escrevente acerca dos limites de palavra;
- III. Evidenciam hipóteses das relações entre enunciados falados e escritos.

³ Em outras investigações, tratamos das características da segmentação não-convencional em dados de escrita de jovens e adultos (cf. TENANI, 2004; 2008) e em canções da MPB (cf. TENANI & BORDUQUI CAMPOS, 2005; BORDUQUI CAMPOS, 2007).

Neste texto, exploraremos um aspecto relacionado ao tópico dado em (ii). Defenderemos, em nossa análise, que as segmentações não-convencionais fornecem evidências de como, no processo de aquisição da escrita, são elaboradas hipóteses acerca dos limites da palavra escrita, especificamente dos limites dos monossílabos átonos, quando em jogo escolhas sobre como segmentar o *continuum* fônico (eixo sintagmático) e escolhas sobre como representar o segmento por meio de uma letra do alfabeto (eixo paradigmático). Antes de conduzir a análise dos dados, descreveremos as características e os critérios para constituição do *corpus* de investigação.

As características do *corpus*

Nossa argumentação é feita a partir da análise de um *corpus* de segmentações não-convencionais selecionado de um Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental - II (em constituição), resultado do Projeto de Extensão Universitária *Desenvolvimento de Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual*, coordenado pelas Profas Dras Luciani Tenani e Sanderléia Longhin-Thomazi (UNESP/SJRP).⁴ O *corpus* selecionado é constituído de 207 textos (dos 2748 textos coletados no ano letivo de 2008), sendo 107 produzidos por alunos matriculados em três turmas de quinta série e 100 por alunos matriculados em três turmas de sexta série, todos do período matutino, em uma escola da rede estadual em São José do Rio Preto (SP). A seleção dessas duas séries é pautada no fato de constituírem um dos ciclos do Ensino Fundamental na rede pública paulista.⁵ Esses textos foram coletados no início do ano letivo por três graduandas do curso de Licenciatura em Letras da Universidade

⁴ O projeto foi parcialmente financiado pela PROEX/UNESP em 2009 e recebeu apoio financeiro da FAPERP (Fundação de Apoio à Pesquisa de São José do Rio Preto) em 2008. Agradecemos à PROEX e à FAPERP pelos auxílios financeiros recebidos.

⁵ A quinta e sexta séries constituem o terceiro ciclo do Ensino Fundamental, o que implica em não haver reprovação do aluno ao final da quinta série, pois as avaliações de progressão escolar (que envolvem a possibilidade de retenção do aluno) são feitas ao final de cada ciclo.

Estadual Paulista e uma professora da escola pública onde se desenvolveu o projeto⁶. As propostas de produção textual que analisamos foram elaboradas a partir da tirinha abaixo transcrita, observando-se as diretrizes pedagógicas seguidas pela escola onde foi realizada a coleta. Dessa forma, a proposta elaborada para a quinta série consiste em uma narrativa e, para a sexta série, em uma carta, conforme se verifica a seguir.

Figura 1. Tirinha a partir da qual foram elaboradas propostas de produção textual



Quadro 1. Propostas de produção textual selecionadas

Proposta de produção textual para quinta série

Observe a tirinha e discuta com seus colegas e professor(a) como o tema amoroso é tratado. A partir da discussão, escreva um texto em que dê continuidade à história, contando o que aconteceu com cada uma das personagens após a cena do último quadrinho. Para escrever seu texto, assuma a visão de uma das personagens.

Proposta de produção textual para a sexta série

A partir da tirinha e com base em seus próprios conhecimentos (outros textos lidos, novelas, filmes etc.), imagine que você é a personagem feminina dessa história e, passado muitos anos, resolva escrever uma carta a uma amiga expondo atualmente qual seu ponto de vista em relação ao acontecido. Para a produção do texto, leve em conta que sua idade seja de 30 anos.

Orientação comum às propostas

Seu texto deve conter de 20 a 25 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escrita. Dê um título a seu texto.

⁶ O trabalho foi realizado, em 2008, por: Marília Costa Reis, Geovana Carina Neri Soncin, Aline Freitas (então alunas do curso de Licenciatura em Letras, IBILCE/UNESP) e Vanessa Pavezi (então professora na E. E. *Zulmira da Silva Salles*).

Em 59 dos 207 textos analisados (portanto, 28,5%), houve alguma ocorrência de segmentação não-convencional ou alguma rasura envolvendo a delimitação das fronteiras gráficas de palavras, sendo 15,5% (32/207) dos textos produzidos na quinta série e 13% (27/207), na sexta série, havendo exclusivamente rasuras em apenas 02 dos 27 textos da sexta série. Excluindo, neste momento, as (seis) rasuras⁷, classificamos os 57 textos quanto ao tipo de segmentação não-convencional, conforme a Tabela 2, a seguir.

Tabela 2. Tipos de segmentação não-convencional por textos em cada série

Série	Tx com Hiper	Tx com Hipo	Tx com ambos	Totais
5ª	14 (24,6%)	10 (17,5%)	08 (14,0%)	32 (56,1%)
6ª	10 (17,5%)	13 (22,9%)	02 (03,5%)	25 (43,9%)
Total	24 (42,1%)	23 (40,4%)	10 (17,5%)	57 (100%)

Ao considerarmos o tipo de segmentação não-convencional que ocorre em cada texto, identificamos que:

I. Há redução de ocorrências de segmentação não-convencional da quinta (56,1%) para a sexta série (43,9%), bem como do número de textos com ambos os tipos de segmentação da quinta (14%) para a sexta série (3,5%);

II. Há pouca flutuação entre hiper e hipossegmentação em um mesmo texto (17,5% textos), quando comparadas às ocorrências, na maioria dos textos, de apenas um dos tipos de segmentação não-convencional (hipersegmentação: 42,1%; hipossegmentação: 40,3%);

III. Há, no total de dados coletados, uma relação bastante equilibrada entre o número de ocorrências de hipersegmentação (42,1%) e o de hipossegmentação (40,3%), mas há, na **quinta** série,

⁷ As rasuras encontradas foram: *joga/lo por/isso*, *eles/viram* (em textos de quinta série); *passaran/se*, *vê/la*, *na/quela* (em textos de sexta série).

mais textos com hiper (24,6%) do que com hipossegmentação (17,5%) e, na **sexta** série, a relação é inversa, havendo **menos** textos com hiper (17,5%) do que com hipossegmentação (22,9%).

A partir dessas relações observadas, levantamos a hipótese de que (i) e (ii) podem ser interpretados como indícios do processo de letramento/escolarização, enquanto (iii) aponta para a necessidade de uma análise desse tipo de dado em um número maior de textos a fim de verificar se a tendência se mantém e, em caso afirmativo, o que pode estar revelando do processo de letramento/escolarização. Embora seja instigante encontrar resultados que possam nos levar a confirmar ou a refutar tal hipótese, nos limitamos a apenas delinear um possível viés de análise para optar por um outro caminho de reflexão, o qual faremos com o objetivo de responder à questão que formulamos no início deste texto a partir da análise das ocorrências as quais, a seguir, são apresentadas no Quadro 2 e quantificadas na Tabela 3 com os totais de ocorrências por tipos, em cada uma das séries analisadas⁸. Nota-se que as observações feitas para os resultados apresentados na Tabela 2 se mantêm para os resultados na Tabela 3.

⁸ Os usos não-convencionais do hífen (quer pela presença indevida, quer pela ausência indevida em relação às normas ortográficas atuais) observados apenas em textos de sexta série (tais como: *'mata lo, eis namorado, estava-mos'*) nos leva a sugerir que algumas ocorrências de hipossegmentação que envolvem as formas de verbo e clítico merecem um estudo mais aprofundado, o que faremos em outra oportunidade.

Quadro 2. Lista de ocorrências de segmentação não-convencional na quinta e sexta série

Série	Hipersegmentação:	Hiposegmentação
5 ^a	<i>com dinuou, com migo, com sigo em bora, em tão, em quanto a sim, a onde, a panbo, a té, a qui, a tras, à baixo, a quele na quele(a) da quele (a), da li, de la ou tra dele gato, disse deram cava lo</i>	<i>perseguido(s), rapitalo, despistalo(s), acbalos, pegalo, alcançalo, socorela ajudime ciesconder, meamava cercasar porfavor, portodos devolta, denovo, dinovo, derrepente, terrebente, dererpente afrente, atarde eseu</i>
6 ^a	<i>em quando, em bora, com migo a quilo, a pesar de mais, de vagar, de presa da quele, na quela, pela quela e capar, tarde sinhá</i>	<i>agente, agenten, ajente, apar, oque conquen, concerteza envez derrepente pratras porisso, portodos medesbetinto encontralo</i>

Tabela 3. Tipos de segmentação não-convencional em cada série

Série	Hiper	Hipo	Total
5 ^a	24 (29,2%)	22 (26,8%)	46 (56,1%)
6 ^a	17 (20,7%)	19 (23,2%)	36 (43,9%)
Total	41 (50%)	41 (50%)	82 (100%)

Identifica-se, no Quadro 2, que, nos casos de **hipersegmentação**, há predominância de a sílaba pretônica de uma palavra ser analisada como um clítico, como em ‘na quela’. Nos casos de **hiposegmentação**, há dois tipos de estruturas predominantes: (i) um clítico é seguido de uma palavra fonológica, como ‘meajuda’, situação na qual o clítico se torna, na interpretação do escrevente, uma sílaba pretônica; (ii) uma palavra é seguida de um clítico, como ‘pegalo’, situação na qual o clítico se torna,

na interpretação do escrevente, uma sílaba postônica⁹. Em outras palavras, as segmentações não-convencionais identificadas têm em comum, tanto na quinta quanto na sexta série, o fato de envolverem a escrita de elementos clíticos, ou seja, elementos prosodicamente fracos pertencentes a diferentes categorias gramaticais, particularmente: preposição (e contrações de preposição + artigo), conjunção, pronome¹⁰. Ainda em termos fonético-fonológicos, são segmentações não-convencionais que envolvem monossílabos não-acentuados, predominantemente ‘me, se, de, da, em, na, com, por, a, e’. Observa-se também que esses monossílabos podem coincidir – em termos de cadeia fônica – com sílabas pretônicas de palavras, como exemplificado a seguir.

Monossílabos átonos

*me, se, de, da, em, na,
com, por, a, e*

Sílabas pretônicas de palavras

*metade, serrado, devolver, daquela, emprestar,
naquela, compromisso, portanto, apañbou, etapa*

As características gerais que ora identificamos são passíveis de investigações que explorem, por exemplo, o comportamento prosódico dos elementos clíticos motivador das ocorrências de segmentação não-convencional ou, ainda, o comportamento morfossintático das categorias gramaticais que se mostram como mais recorrentes nesse mesmo conjunto de dados. Neste texto, porém, não exploraremos essas (e outras) análises em favor da análise, a ser feita a seguir, de um

⁹ Uma análise pormenorizada, em termos de estruturas prosódicas em jogo nesses tipos de dados, foi feita por Tenani (2009).

¹⁰ Chamamos a atenção, em Tenani (2009), para o fato de essas características dos clíticos oferecem desafios àqueles que, em suas investigações, buscam explicar seu funcionamento morfossintático ou prosódico, bem como relações entre esses diferentes *status* dos clíticos. No que diz respeito ao *status* prosódico, Bisol (2000), por exemplo, apresenta argumentos a favor de o clítico (Cl) formar, com seu hospedeiro (uma palavra fonológica, ‘w’), um constituinte prosódico, o grupo clítico (C), configurando, assim, o menor constituinte pós-lexical de uma hierarquia prosódica.

conjunto de dados que elegemos como reveladores do modo como se dá o processo de aquisição de escrita.

Análise das grafias não-convencionais

Dentre as 82 ocorrências listadas no Quadro 2, na seção anterior, selecionamos para uma análise detalhada somente aquelas 18 rerepresentadas no Quadro 3 (ou seja, 22%), a seguir, por terem em comum grafias não-convencionais também quanto à escolha de letras para representar certos segmentos que estão nos limites ou fronteiras dos pontos de corte do *continuum* fônico-gráfico. Além dessas, consideraremos mais 10 ocorrências que têm em comum apenas segmentação não-convencional (não há escolha indevida de letras para representar o segmento) e que apresentam contexto fonológico semelhante às ocorrências ora selecionadas, a saber: ‘em bora, en tão, porfavor, portodos, porisso’. Portanto, nesta análise, consideram-se 34,1% (28/82) das ocorrências encontradas no *corpus*.

Quadro 3. Lista de ocorrências de segmentação e de escolha de letra não-convencionais

Série	Hipersegmentação	Hipossegmentação
5 ^a	<i>com dinuou, com migo, com sigo em quanto, em bora, en tão</i>	<i>ciesconde derrepende, terrebente, dererpente porfavor (3x), portodos</i>
6 ^a	<i>com migo (3x) em quando, em bora,</i>	<i>conquen, concerteza (2x) envez derrepente (2x) porisso (2x), portodos</i>

Levando-se em conta as características das ocorrências listadas no Quadro 3, identificamos três tipos de dados classificados a partir do tipo de escolha de letras envolvidas para representar segmentos em uma dada posição silábica:

- I. Escolha entre <M> e <N> para grafar a coda nasal;
- II. Escolha entre <RR> e <R> para grafar o R-forte em posição intervocálica;
- III. Escolha entre <C> e <S> para grafar /s/ no ataque silábico.

Na Tabela 4 abaixo, verifica-se que a principal característica dos dados é o predomínio de grafias não-convencionais de codas nasais de sílabas átonas que são segmentadas de modo não-convencional (são 53,6% (15/28), se considerado o total de dados selecionados nesta análise, ou ainda, 18,3% (15/82), se considerado o total de segmentação não-convencional). A hipótese explicativa que levantamos para esse resultado diz respeito ao fato de as sílabas em que as codas nasais ocorrem poderem ser analisadas como elementos clíticos ou sílabas pretônicas de palavra prosódica¹¹ como, por exemplo, ‘com migo’ e ‘concerteza’, ‘em bora’. De modo específico, constata-se ainda que:

- I. Entre as **hipersegmentações**, todas as 11 ocorrências envolvem a escolha entre <M> e <N> em coda nasal;
- II. Entre as **hipossegmentações**, em três grupos de ocorrências se observam: 4 envolvem a escolha entre <M> e <N> para grafar a coda nasal, 12 envolvem a escolha entre <RR> e <R> para grafar os chamados R-forte e R-fraco em contextos fonológicos distintos (sendo 5 para o R-forte e 7 para o R-fraco) e 1 envolve a escolha entre <C> e <S> no ataque para grafar /s/.

Tabela 4. Características gerais de segmentação e escolhas não-convencionais

Tipo	Hiper	Hipo	Total
Escolha entre <M> e <N> para grafas coda nasal	11	04	15
Escolha entre <RR> e <R> para grafar R-forte e R-fraco	0	12	12
Escolha entre <C> e <S> para grafar /s/ no ataque	0	01	01
Total	11	17	28

¹¹ A palavra prosódica é definida, principalmente, pela presença de um acento lexical ou primário como definiu Câmara Júnior (1970).

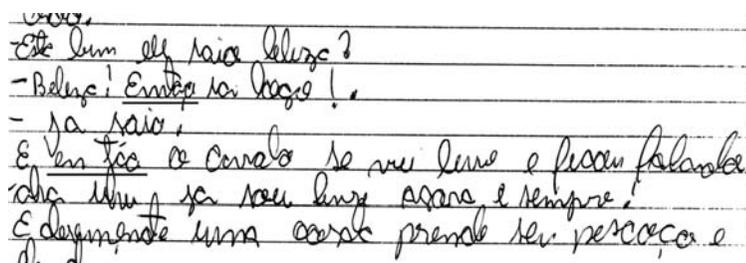
Quanto ao tipo de ocorrência que denominamos por escolha entre <M> ou <N> para grafar a coda nasal, verifica-se que:

I. Nos casos de **hipersegmentação**, a escolha é pelo grafema <M> (11 ocorrências), o que revela que o aluno observa a regra ortográfica de emprego de <M> para representar a coda nasal no final de palavra, como em ‘com dinuou, com sigo, com migo (4x), em bora (2x), em tão, em quando, em quanto’.

II. Nos casos de **hipossegmentação**, a escolha é pelo grafema <N> (04 ocorrências), o que indica que o aluno observa a regra ortográfica de emprego de <N> para representar a coda nasal, quando seguido de consoante diferente de <P, B>, como em ‘conquen, concerteza (2x), envez’.

Passamos, a seguir, a analisar como se dá a flutuação entre hiper e hipossegmentação e entre o emprego de <M> e <N> a partir de trechos selecionados dos textos dos alunos.¹²

Texto 1.1. 5C_34_01



Este é um diálogo entre Belze e...
- Belze: Então os jogos!
- Já saiu.
É um jogo de cano do se meu luno e ficou falando
daque jeito que não é um jogo, é sempre.
É obviamente uma coisa prende seu pescoco e

¹² Os textos, no banco de dados, são identificados por meio da série, número do aluno e número da proposta.

Texto 1.2. 5A_06_01

suas roupas.
 Baluda jogou em Dúcia e deu Varnas em Bora.
 Varnas deu Dúcia. Mas quando eles estavam
 sigla subtração pai de Dúcia Lin e correu atrás
 deixando muito Baluda de

No texto 1.1, verificam-se grafias não-convencionais para a palavra ‘então’. Das quatro possibilidades que envolvem a escolha de letra <M> ou <N> e a segmentação de palavra, a saber: ‘então, em tão, en tão, emtão’, as duas últimas elencadas foram as formas grafadas em diferentes momentos no texto. No texto 1.2., observam-se grafias não-convencionais para a palavra ‘embora’. Mais uma vez, dentre as possibilidades que envolvem a escolha de letra <M> ou <N> e a segmentação de palavra, a saber: ‘embora, en bora, embora, em bora’, as duas formas grafadas no texto pelo aluno não atendem às convenções ortográficas do Português. Em nossa perspectiva, essas escolhas podem ser interpretadas como evidências de haver uma tensão entre opções de segmentação do *continuum* por meio do espaço em branco (eixo sintagmático), na medida em que há flutuação entre segmentação convencional (‘emtão’, em 1.1, e ‘enbora’, em 1.2) e hipersegmentação (‘en tão’ em 1.1, e ‘em bora’, em 1.2), e a escolha de letras dentre as possíveis para um dado ponto da cadeia segmental (eixo paradigmático), na medida em que há flutuação entre o emprego da letra convencional (<N>, em ‘en tão’ no texto 1.1; <M>, em ‘em bora’, no texto 1.2), e o emprego da letra não-convencional (<M>, em ‘emtão’ no texto 1.1; <N>, em ‘enbora’ no texto 1.2). Defendemos, ainda, que as flutuações ora explicitadas podem ser vistas como **reflexões do escrevente** quer sobre a segmentação do *continuum* por meio do espaço em branco, quer sobre a escolha de letras dentre as possíveis para um dado ponto da cadeia segmental. Portanto, nosso olhar não vê as flutuações em relação às grafias convencionais como erros que sustentam uma categoria de classificação de ‘desvios ortográficos’. Assumimos, outrossim, que os dados que analisamos são

resultados de um processo de aquisição escrita, em curso ainda na quinta e sexta séries, e que esse processo tem como uma de suas características ser constituído a partir das relações do sujeito com a linguagem em práticas orais/faladas e letradas/escritas, na linha do que argumentam Corrêa (2001), a partir da análise de textos de vestibulandos, Capristano (2008), a partir da análise de segmentações não-convencionais em textos espontâneos de alunos da primeira a quarta série do Ensino Fundamental, e ainda Oliveira (2007, 2009), a partir da análise de dados de segmentação não-convencional de crianças ‘normais’ e de uma criança diagnosticada, de maneira genérica, com ‘distúrbio de leitura e escrita’.

Quanto ao tipo de dado que denominamos por escolha entre <RR> ou <R> para grafar o chamado R-forte em posição intervocálica, constatamos que, nos textos coletados, observa-se a regra ortográfica de emprego do dígrafo <RR> (e não a letra <R>) em posição intervocálica, para representar o chamado R-forte (que na variedade do aluno se realiza, preferencialmente, como uma fricativa velar [x]), como em ‘derrepente, terrebente, dererpente, derrepente’. Vale observar que em todas as cinco ocorrências identificadas, houve uma flutuação entre segmentação convencional e hipossegmentação. Nota-se que isso não implica afirmar que quando há hipossegmentação sempre se encontra o emprego de <RR>. Nos textos selecionados, encontramos sete ocorrências de hipossegmentação, a saber: porisso (2x),¹³ portodos (2x), porfavor (3x)’, por meio das quais se observa o atendimento à regra ortográfica de emprego de <R> (e não do dígrafo <RR>) para representar o chamado **R-fraco**, ou tepe. Dentre essas ocorrências, destaca-se ‘porisso’ que passa, na hipossegmentação, a ter o contexto intervocálico; nas demais ocorrências, mesmo após a hipossegmentação, o contexto de fim de sílaba é mantido. Apresentamos, a seguir, dois excertos dos textos coletados que ilustram a

¹³ Nos enunciados falados, ocorre reestruturação silábica entre a coda de ‘por’ e a vogal inicial de ‘isso’, resultando em uma sílaba CV cujo ataque é preenchido por um tepe.

descrição ora realizada: no texto 2.1, o emprego de <RR> e, no texto 2.2, o emprego de <R>.

Texto 2.1. 5B_10_01

não emseguiu despois, então furem
eis não do ponto de gasolina e comecei
a correr. De repente, a corral de furem
eis tropeça e cai, no mesmo instante
furem levantou e saiu correndo, mas

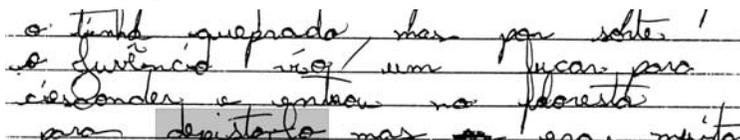
Texto 2.2. 6A_32_01

gestava de mim e eu fiquei sabendo que ele
me traia com 5 mulheres. Pensei que ele desparcia
de vez quando mais, foi bom que ele me

Quanto ao tipo de dado que denominamos por escolha entre <C> ou <S> para grafar /s/ no ataque silábico, uma única ocorrência foi identificada, a saber: ‘ciesconder’ (si esconder) – conforme se observa no texto 3.1. Nesse dado, é atendida a regra ortográfica que prevê a possibilidade de empregar <C> diante de <I, E> para representar /s/ em início de palavra, como em ‘cidade, cebola’, respectivamente. Coerentemente, a opção do escrevente foi pela hipossegmentação, pois a sílaba /si/ foi interpretada como uma sílaba pretônica da sequência [sieskõ´de]. O escrevente, nessa etapa de escolarização, muito frequentemente, já observa a informação letrada sobre as convenções ortográficas que prevê, por exemplo, que o monossílabo ‘se’, que se realiza foneticamente como [si], deve ser grafado <S> para representar /s/. No entanto, verifica-se, por meio da grafia não-convencional da vogal do monossílabo ‘se’, a saber, <I> ao invés de <E>, que estamos diante de uma ocorrência em que, nesse ponto do *continuum* fônico, há uma opção por representar a vogal com base na característica do enunciado falado. Explicita-se, portanto, como

se dá o cambiante trânsito do escrevente por práticas orais/faladas e por práticas letradas/escritas (CORRÊA, 2008). Vale enfatizar que o trânsito ora explicitado é apenas aquele o qual é possível observar por meio do texto que nos chega. Cremos que o processo, como já observado por Capristano (2008) a partir de dados longitudinais de escrita infantil, não seja linear, nem progressivo.

Texto 3.1. 5C_28_01

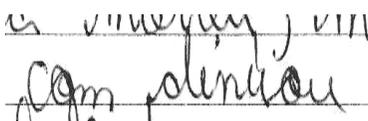


a tinha quebrado mas por sorte!
a durência não um fucan pro
e gntao e gntao na floresta
para deixado mas em casa, muito

Discussão dos resultados

A partir da análise dos dados, selecionamos, para discussão, as evidências do que interpretamos como reflexão, por parte do escrevente, sobre a noção de palavra, mais especificamente, sobre a identificação de itens gramaticais tendo por base as possíveis relações entre a palavra escrita e aquela que se configura a partir de enunciados falados. Constatamos um predomínio de ocorrências que envolvem a (possível) segmentação das preposições (27/28 ocorrências), como se constata na hipersgmentação de 'continuou' – cf. figura 2. Houve, essencialmente, flutuação na forma de grafar itens gramaticais, os quais são, prosodicamente, formas dependentes (nos termos de CÂMARA Jr., 1970) ou clíticos prosódicos (nos termos de BISOL, 2004).

Figura 2.



em
com olência

Destaca-se que as hipóteses – predominantemente conflitantes entre si em um mesmo texto – do que seja palavra dão pistas de serem ancoradas em informações (i) prosódicas (que dizem respeito à organização das sílabas átonas em diferentes constituintes), e (ii) letradas (que dizem respeito à colocação de espaços em branco indicadores de palavra na escrita relacionada às escolhas de grafemas). Essas informações de natureza distintas são relativas tanto à segmentação do continuum quanto à escolha de letras para representar um segmento.

Junto com Abaurre (1998), que analisou dados escritos por alunos em fase inicial de aquisição da escrita (isto é, de primeira a quarta série do Ensino Fundamental), fazemos nossa a afirmação, a partir da análise de dados escritos por alunos na quinta e sexta séries, de que é ingênuo pensar que o aprendiz da escrita escreve e representa a escrita como uma simples transcrição da fala, pois há elementos reveladores da incorporação de aspectos convencionais, de escolhas de estruturas típicas da escrita.

A relação entre características prosódicas e letradas dos enunciados que os escreventes possam vir a fazer a cada momento em que é chamado a produzir um texto não é aquela visão dicotômica que identifica interferências da fala na escrita. Antes, essa relação, que buscamos explicitar, é de constituição, ou seja, as características dos enunciados falados constituem os enunciados escritos e vice-versa. Ainda em outras palavras, a análise ora realizada corrobora a concepção da **heterogeneidade da escrita** (CORRÊA, 2001), na linha do que também defendem Chacon (2004, 2005, 2006) e Capristano (2007a,b; 2004) para dados de segmentação não-convencional de escrita infantil.

Considerações finais

Neste texto, formulamos a seguinte questão: em que medida fatores de natureza ortográfica, juntamente com os de natureza prosódica, poderiam ser motivadores de grafias não-convencionais

presentes em textos de alunos de quinta e sexta série do Ensino Fundamental? A resposta que apresentamos, resumidamente, é que as segmentações não-convencionais estudadas se particularizam, no que diz respeito a possíveis relações com os **enunciados falados**, por mobilizarem, predominantemente, informações sobre a organização de sílabas átonas ou como sílabas pretônicas/postônicas pertencentes a uma palavra prosódica ou como elementos clíticos que integram um constituinte prosódico superior à palavra¹⁴ e, no que diz respeito a relações com características dos **enunciados escritos**, por mobilizarem, simultaneamente, informações de natureza letrada quanto à escolha de letras segundo as regras ortográficas.

Buscamos mostrar, por meio da análise das grafias de segmentação não-convencional, que existem índices de uma tensão entre escolhas sobre como representar uma segmentação no *continuum* fônico-gráfico e escolhas sobre como representar certos segmentos por meio de uma letra, trazendo em cena a relação entre o eixo sintagmático e o eixo paradigmático. Argumentamos, por fim, que os dados selecionados possibilitam observar que a palavra é objeto de reflexão, cujos significados e funções não são estáveis e cuja grafia não é dada exclusivamente por uma motivação morfossintática, mas também por motivação prosódica e informação letrada, que é historicamente constituída.

¹⁴ Argumentamos, em Tenani (2009) a partir de Bisol (2000, 2004, 2005) e Vigário (2003, 2007), que se trata do grupo clítico.

Referências

ABAURRE, M. B. M. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? In: KATO, M. A. (org.) *A concepção da escrita pela criança*. Campinas: Pontes Editores, 1998, p.135-142.

_____. A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial. *Boletim da Abralin*, Campinas, v. 11, p. 203-17, 1991.

ABAURRE, M. B. M.; SILVA, A. O desenvolvimento de critérios de segmentação na escrita. *Temas em psicologia*. São Paulo, v. 1, 1993, p. 89-102.

ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. *Cenas de Aquisição da Escrita: O Trabalho do Sujeito Com O Texto*. 1ª. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1997. 204 p.

ABUJAMRA, A.; PEREIRA, M. Mau. In: Fundação Padre Anchieta. Centro Paulista de Rádio e TV Educativas. *Castelo Rá-Tim-Bum*. Manaus: Microservice, 1995. Faixa 8. 1 Disco compacto: digital, estéreo.

BACHA, S. M. C.; MAIA, M. B. A. Ocorrência de erros ortográficos: análise e compreensão. *Pró-Fono*, São Paulo/SP, v. 13, n. 2, p. 219-226, 2001.

BORDUQUI CAMPOS, L. B. *Segmentações alternativas e constituintes prosódicos no português Brasileiro: uma análise através de canções da MPB*. 2007. 141 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. São José do Rio Preto, 2007.

BISOL, L. O clítico e o seu hospedeiro. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.40, n. 3, p. 163-184, 2005.

_____. Mattoso Câmara Jr. e a Palavra Prosódica. *DELTA*, São Paulo, v. 20, n. especial, p. 59-70, 2004.

_____. O clítico e seu status prosódico. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 9, n.1, p. 5-20, 2000.

CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CAPRISTANO, C. C. *Mudanças na trajetória da criança em direção à palavra escrita*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Campinas, 2007a.

_____. *Aspectos de segmentação na escrita infantil*. São Paulo: Martins Fontes, 2007b.

_____. A propósito da escrita infantil: uma reflexão sobre as segmentações não-convencionais. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39 n° 3, p. 245-260, 2004.

CHACON, L. Constituintes prosódicos e letramento em segmentações não-convencionais. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 3, 2004, p. 223-232.

_____. Hipersegmentações na escrita infantil: entrelaçamento de práticas de oralidade e de letramento. *Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 34, 2005, p. 77-86.

_____. Prosódia e letramento em hipersegmentações: reflexões sobre a aquisição da noção de palavra. In: CORRÊA, M.L.G. (org.) *Ensino de língua: representação e letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2006, p. 155-167.

CORREA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CUNHA, A. P. N. A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia. Pelotas, 2004. 132p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas.

CUNHA, A. P. N. da ; MIRANDA, A. R. M. A influência da hierarquia prosódica em hipossegmentações da escrita de crianças de séries iniciais. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 1, p. 1-19, 2007.

De PAULA, I. F. V. Movimentos na escrita inicial de crianças: um estudo longitudinal de hipersegmentações. São José do Rio Preto, 2007. 132p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista.

OLIVEIRA, E. C. *Um outro olhar para os chamados erros de segmentação*. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

_____. Um outro olhar para a patologização da escrita. In: SEMINÁRIO DO GEL, 57, 2009, Programação... Ribeirão Preto: GEL, 2009. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/?resumo=5373-09>>. Acesso em: 26. junho.2009.

SILVA, A. *Alfabetização: a escrita espontânea*. São Paulo: Contexto, 1991.

TENANI, L. E. Sobre a relação entre constituintes prosódicos e a ortografia. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, n. 16, p.231-245, 2008.

_____. Segmentações Não-Convencionais e Teorias Fonológicas. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39 nº 3, p. 233-244, 2004.

TENANI, L. E.; BORDUQUI CAMPOS, L. B. Segmentações Alternativas: Evidências do Grupo Clítico. Comunicação apresentada durante o 53º Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2005.

VIGÁRIO, M. *The prosodic word in European Portuguese*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.

_____. O lugar do grupo clítico e da palavra prosódica composta na hierarquia prosódica: uma nova proposta. In: LOBO, M. & COUTINHO, M. A. (orgs). *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística – Textos seleccionados*. Lisboa: Colibri Artes Gráficas, 2007, p. 673-688.

ZORZI, J. L. *Aprender a escrever: a apropriação ao sistema ortográfico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Luciani Tenani é bacharel em Linguística pela UNICAMP, onde também fez o Mestrado e Doutorado em Linguística, na área de Fonética e Fonologia. Atualmente, é docente do Departamento de *Estudos Linguísticos e Literários* da UNESP, Câmpus de São José do Rio Preto, e orienta pesquisas em nível de IC, MT e DT, vinculadas à linha de pesquisa *Oralidade e Letramento*, do programa de pós-graduação em *Estudos Linguísticos*, UNESP/SJRP.

Email: lutenani@ibilce.unesp.br

Submetido em: outubro de 2009

Aceito em: janeiro de 2010